

# O triunfo dos "mais fortes,"

Agora! Agora é que a coisa corre. Os nossos bondosos, os nossos ciosos patrioteiros, já podem bater as palmas até deslocarem os dentes. A «memorável» sessão parlamentar de segunda-feira fez-lhes a vontade, encheu-lhes as medidas. Deputados e senadores, no meio de gestos arlequinescos e oratórias inflamadas, votaram, á uma, a participação de Portugal na conflagração europeia. O pigmeu tornou-se gigante. A aliança da panela de barro com a panela de ferro produziu os frutos tam ardentemente desejados. Venceu a turba dos aguerridos.

Doravante ninguém poderá afirmar, nem ao de leve, que Portugal foi ingrato, que Portugal desempenhou o tristíssimo papel de *amardlo*. Não senhores. O gesto significativo dos «desinteressados» pais da patria, colocou-o no ponto mais culminante da História. No capítulo chacinca, massacre, violação, incendio, lá lhe caberá uma página suberba, uma página gloriosa, uma página indelevel. E ante esse espectáculo, as musas, com certeza, vão espielar: — os poetas hão de cantar suas estrofes variadas e bombásticas, os clássicos hão de deserer-lhe suas inesquecíveis e inimitáveis qualidades guerreiras; e os músicos, de charanga ou de tuna, hão de entoar-lhe himnos marciais, cheios de entusiasmo e alma... O sangue vertido requer alegria, embora forçada, para não recordar tristuras e lágrimas.

O burgues pantafoçado e velhaco, o capitalista vermelhão e cambaio, o financeiro agiota e hipocrita, o plúmítico que rabasca as gazetas diárias e que por isso leva *rasca na assadura*, podem portanto, rejubilarem-se, podem mesmo sorrir-se. A occasiã é única, excepcional. As guerras modernas não se fazem para arruinar os ricos. Destarte, os lucros e os interesses de toda a casta parasitária vão aumentar, mas aumentar prodigiosamente. A' custa do sangue proletario? Que importa? A morte é uma natural transformação da vida. E os proletarios nem que deixem, nessa horrivel sangoeira, a sua carcassa, não fazem mal. Há por cá muito disso; há os por cá talvez em demasia...

Acima de tudo está a «glória» da Pátria. Os lances guerreiros dos tempos idos nunca devem desmentir-se. Por isso os Leotes do Rego mais os André Brun, vão agora dar voltas á moleira para conduzirem o paiz á «vitoria».

— Aquilo é que são homens decididos, ouve-se dizer á chusma dos patriotas escadotes... No género ha muito poucos. E' péua. Lá por considerarem as greves como movimentos antihumanos e o amolgamento de costelas dos traidores á causa da emancipação social, como actos da mais pura e condenável violencia; lá por entenderem que as reivindicações proletárias e as ideas de paz, bem estar e felicidade são utopias irrealisaveis, produto de sonhadores e visionários, de loucos e desvaírados, não se poderá d'áí inferir que sejam desmoldados e balófos. O caminho é para a frente, visto que a burguesia lhes fornece escudos e honrarias, galões e autoridade, prestígio e immortalidade.

A fome, a miseria, a exploração desenfreada exercida nas officinas, a tirania imposta pelos governos, o quadro terrificante dos operarios mutilados na engrenagem das máquinas, os regulamentos vexatórios da dignidade humana engendrados pela classe patronal, industrial e comercial, enfim, as mil e uma infamias cometidas dia a dia pelos representantes desta sociedade corrupta e podre, jamais lhes arrancaram uma frase de reprovação. Como nunca sentiram as desgraças e os sofrimentos alheios, como sempre se viram rodeados de comodidades e luxos pouco se importam com a numerosa falange dos produtores de toda a riqueza social.

Os parlamentares pensam da mesma forma. Para eles o sofrimento é só para a canalha, para a *arrainha muda*. Ficar estendido, de papo para o ar, nos campos sangrentos da batalha é uma bagateira de que nem vale a pena fa-

lar. Eles declararam a guerra, mas quem sofrerá todos os seus hurrores, todas as suas calamidades hão de ser os proletários, aqueles que durante a vida vivem no meio do martirio.

E' por isso que os deputados e os senadores foram tam prontos. Marchassem eles e só eles a dar combate ás hostes teutónicas e veríamos como as suas mirabolantes declamações seriam em sentido inverso. Mas como sabem que isso não se dava em regime capitalista, apressaram-se a mostrar-se fortes. O seu triunfo foi, pois, em toda a linha. Contudo, porque será que ficam de fora e mandam os «fracos» p'rá guerra?

Pelo mesmo motivo que o Cortesão entende que devem ir os outros, visto ele ser cá muito preciso para sustentar os seus ricos filhinhos, responde-nos um visinho aqui do lado.

E tem razão. Os valentes que votaram a guerra, os enérgicos que a aplaudem, não lhe sofrem as consequências. Senão outro galo havia de cantar.

Mas eles consideram-se os «mais fortes», conquanto demonstrem com os seus gestos práticos que são... o que nós sabemos.

ALFREDO GUERRA.

## UMA OPINIÃO

A justificar a participação de Portugal na guerra publicou a imprensa portuguesa, traduzidas do jornal *Rousska Viedomosti*, as seguintes palavras como sendo de Pedro Krapotkine:

«Por muito terríveis que sejam para a Russia as consequências de uma improvavel victoria da Alemanha, muito mais terrível a violencia cometida contra a Belgica. Todo o homem de coração que defende o progresso humano não saberá ter hesitações em lutar contra a Alemanha, cuja derrota é absolutamente necessaria. Não é possível, mesmo, ficar-se neutro, porque nestas circunstancias a neutralidade equivale a uma cumplicidade.»

Não discutimos o direito incontroverso do autor putativo das palavras que como opinião autorizada, a imprensa publicou; e se nos insurgíssemos contra o velho principe russo estaríamos em contradição manifesta com as nossas proprias idéas: contrariaríamos o principio da máxima liberdade individual que para nós reivindicamos.

E', pois, sob um outro aspecto que vamos analisar, á face da razão, da lógica e do bom senso, as palavras que acima ficam transcritas, como abalizada opinião. Antes, porém, devemos advertir os mal intencionados, que combatemos a guerra e o militarismo pelo que em si consubstanciam e não por um mal contido ódio ás actuaes instituições: o conceito libertario difere em todas as suas formas e aspectos do de determinadas criaturas que combatem a intervenção de Portugal na conflagração europeia por conveniencias interesseiras.

Poderíamos nós, anarquistas, ir de braço dado na campanha anti-guerreira com semelhantes criaturas? Não.

Na opinião de Krapotkine, todo o homem de coraçãõ que defende o progresso humano não deve ter hesitações em combater contra a Alemanha, cuja derrota é absolutamente necessaria. Mas quem garante que o autor das *Palavras de um revolado* não é susceptivel de errar?

Nós aspiramos ao aniquilamento do militarismo em geral e do alemão em especial por actualmente ser o mais forte, o mais belicoso, o mais sequioso de sangue e de gloria, cujo chefe supremo é o tranesco saltimbanco de Potsdam.

Eu, de facto, reconheço uma certa necessidade em esmagar, — e oxalá que seja para sempre! — a desenfreada investida da furia teutónica, reconheço igualmente que por traz do seu aniquilamento outro perigo surge talvez mais terrível e mais potente, mais bestial e mais sanguinario; o militarismo russo!

Os aliados que hoje se esforçam por reduzir a pouco mais de nada o imperialismo tudesco, talvez um dia tenham de se coligar

para deterem a marcha triunfal do militarismo que amadurece no outro lado do Vistula, ás ordens do *Paisinho* de Petrogrado; e Krapotkine, a quem consagramos uma admiração inexcedivel, e cuja vida de sacrificio em prol da Humanidade é bem conhecida, não está, por esse facto, isento de errar na opinião formada. Admitindo, contudo, que não se equivoque, nem por isso nós deixamos os principios ao abandono, nem a isso nos obriga a opinião emitida pelo autor illustre do *Auxilio mútuo*.

As idéas anti-militaristas e anti-guerreiras de Krapotkine estão bem vinculadas numa das suas melhores obras, *A grande Revolução*, que é para a politica em geral, o que outro livro seu, o *evangelho do anarquista*, *A conquista do Paiz*, e para a economia politica. Todavia, dando de barato que Krapotkine haja revisto a sua obra fecundante de dezenas de annos purificada pelas persaguições czarescas e dulcificada pelo encerramento nas masmorras politicas, sim, supondo, *á priori*, que o principe russo haja «rectificado» o tiro, como o *fer* Gustavo Hervé, não querêr isso significar que os anarquistas tenham obrigação moral de o seguir e de estar de accordo com a sua opinião de hoje.

Se tal fizessem abdicariam da sua liberdade individual, perderiam a sua personalidade para se tornarem pouco mais que uma coisa contrariando constantemente o seu próprio critério, actuando sob uma influencia extranha, seguindo um homem que teriam de equiparar a um *deus* de qualquer seita religiosa ou politica. Pensando e obrando por si mesmos, afirmam-se conscientes; e desempenhariam um papel ridiculo e degradante se se deixassem conduzir por um idolo, por um chefe, por um *leader* embora gosando de reputação mundial pelos seus dotes intellectuais.

Nós reputamos o acto de Krapotkine como um *deuio* (ignoramos se momentaneo se definitivo) dos doutrinas que propagandaou durante toda a sua vida de apóstolo duma crusada moderna; e á sua extranha resolução talvez não fosse indifferente o imminente perigo que, pela sua situação geographica, a Russia corre no caso de uma improvavel victoria da Alemanha, o que para nós não é motivo de aniquilar os principios que urge sustentar puros á custa de todos os sacrificios.

Internacionalistas, não nos arredamos um ápice do caminho traçado após um aturado estudo da questão social e madura reflexão sobre a inutilidade da guerra pelo seu lado pratico e abominavel se a encarmosmos, em qualquer dos seus aspectos, pelo lado sentimental e humanitario, o que impede de seguirmos e até de applaudirmos o gesto do velho anarquista.

O nosso ódio implacavel vai para a guerra, para aqueles que, com manejos secretos a provocaram, para os que dela beneficiam, para todos os militarismos que são o facho incendiário das novas catástrofes de amanhã. E não é de admirar que amanhã se veja esta coisa tétrica: a Inglaterra e a França de braço dado com a Alemanha para destruir o militarismo russo.

Em face de um cadaver ao abandono é lógico que o lobo esfomeado sinta ganhas de o tragar.

GIORDANO BRUNO.

## Subscrição

em favor de Sebastião Eugenio

Transporte	4324
José Augusto Ferreira (Vidago)	50
J. Alves da Silva (Porto)	10
Eduardo Correa (Povoia de Varzim)	10
F. M. A. (Lisboa)	30
Nucleo Juventude Sindicalista de Barcelena	350
Soma	8474

De novo lembramos aos camaradas que o possam fazer para não deixarem de contribuir com o seu esforço para esta obra de solidariedade.

# Notas Rubras

## Prostituição annunciada

Em ligeiros momentos de ociosidade e aborrecimento é vulgar entregar-me á extravagancia de ler alguns anúncios das gazetas quotidianas. E, francamente, não poderei dizer que desperdício todo o tempo que dedico a essa leitura.

Ainda há dias, — entre os corriqueiros anúncios de serviços que se oferecem e de prémios que se hipotecam; e dos réclamos a miraculozas tisanas e xaropes e a vários generos merceceirões, — encontrei a seguinte proposta:

## Senhora

Nova e de boa familia, vendo-se actualmente em má circumstancia, deseja encontrar pessoa de fortuna que a possa auxiliar.

A' vista se darão todas as informações...

A'queles que não se dão ao trabalho de consagrar um pouco de atenção a determinadas coisas, esta informação, e muitas outras identicas, passou-lhes, é claro, mais que despercebida.

A mim, porém, essa noticia mergulhou-me demoradamente em profundas cogitações.

Naturalmente, se essa tal *senhora nova e de boa familia* adquirisse, por meio duma labuta honesta, (se é que nisso foi educada,) o indispensavel para viver desafogadamente, nunca tomaria a triste resolução de se oferecer a uma qualquer *pessoa de fortuna que a pudesse auxiliar*...

Decerto escolheria um homem de quem gostasse, por quem sentisse alguma simpatia ou amor.

Assim, auferindo em qualquer mister produtor um ordenado mesquinho, prefere alugar-se, prostituir-se, para se libertar das suas *atuais más circumstancias*...

E quantas como esta procedem de igual forma?

Fosse o trabalho melhor remunerado e menos suplicante e a vida não encerraria tantas desgraças e tragédias.

C. Rodrigues.

## O clericalismo em França

Os clericais francezes, aproveitando a perturbação lançada nos espiritos pela monstruosa calamidade guerreira e a desorganização momentânea das forças anticlericais, fazem uma activa propaganda, inundando as casas de orações imbecis e de folhas soltas. A este proposito, escreve F. Marie na *Bataille Syndicaliste*:

«Um provérbio diz: «Não ha fumaça sem fogo».

Há já varias semanas que sentimos fumaça. O vento traz-nos um cheiro, menos agradável que o do incenso, mas que nos parece provir dos lugares onde ordinariamente se consome tal produto...

Em virtude de terem partido para a guerra, aos milhares, os homens que constituíam a força viva das ideas de progresso e libertação, acha-se peneirada e escolhida a população das cidades e dos campos. Pouco mais resta do que rapazes, cuja educação está por fazer; velhos, muitos dos quais tem o espirito impregnado dos prejuizos do passado; mulheres, que formam a maioria e cujos sentimentos instintivos são abalados pelo desconhecido e pela ansiedade.

No meio desta situação, os partidos retrógrados podem respigar adeptos, explorando esse nivel moral abaixado pela privação dos seus motores de pensamento e de acção. A imprensa de recuo nada af á sua vontade. Conhecemos certos jornais que não querêmos citar, de tendencia nitidamente reaccionaria, que viram a sua venda subir sem descanço. Poderíamos até indicar um que se espalha á razão de cerca de um milhão de exemplares mais do que antes da mo-

bilização geral. A isso podemos juntar que certos jornais religiosos de provincia tomam um desenvolvimento inesperado. E tudo isto, apesar da mobilização.

Em compensação, baixam a maior parte dos jornais republicanos e com mais forte razão os nossos jornais de vanguarda.

— E' um momento a passar!... — Um momento a passar! Cuidado, não adormecemos! A occasiã não é para isso.

Faz-se um trabalho surdo. Certa propaganda, impotente em periodo normal, opera-se com maior exito neste tempo de tenebrosas intrigas.

A' classe operaria compete não fechar os olhos, nem coser os lábios. Pelo seu orgão *La Bataille Syndicaliste* ela clama: Alerta!

O Deus de misericórdia mascarada a ousadia daquelles para quem a propaganda por persuasão está ligada ao golpe traiçoeiro que eles preparam na sombra. Silêncio! Sim calêr-se as potencias occultas de reacção. Para lhes impor silencio, deve o operariado mostrar-se; tem que mostrar os dentes! Para isso, tem a *Bataille syndicaliste*: sirva-se dela.

## Auxilio á "A Aurora,"

A comissão desta iniciativa continua recebendo mais listas e donativos que a seguir publicamos:

- De Loulé, do nosso camarada, Manoel das Neves Alcariz, 850. De Lisboa do camarada Saraiva, «Quota mensal, 250. De Evora, do Nucleo Juventude Sindicalista: J. Antonio, J. Pedro, J. J. Candieira, M. Cabica, J. Madeira, J. S. Ceboia, A. J. da Silva, J. Baltazar, J. M. Jardim, M. Silva, E. S. Diniz, F. Nunes, J. Marcelino E. das Dores, M. A. Siscoal, A. Pereira, J. Bernardo, A. J. Cavico, J. Joaquim, Anónimo, B. J. Ferreira, J. Ceboia, A. Jacinto, A. Augusto, M. Jorge, J. Sebastião, J. Madeira, J. dos Piões, R. José, A. Alberto, J. Antonio, L. Mateus, J. Antonio, M. Marques, C. Marques, J. Felgucias, M. Rosmaninho, J. A. Carvalho, P. Ferreira, A. Marcelino, M. Carvalho, A. C. Carvalho, P. Peres, A. J. Diniz, D. I. Delfim, D. Pereira, J. Ipolito, 1820. Item, produto duma subscrição a favor dos militares francezes, quando do movimento da lei dos 3 annos, e que agora oferecem a favor do jornal, 440. De Povoia de Varzim Lista n.º 47. E. Correia, M. S. Machado, A. F. Nogueira, J. Nogueira, J. G. Bitist, 1838. De Cartaxo, Lista n.º 81 Fernando S. Barreira, A. da Conceição, Henrique Santos, A. M. Cunha, J. M. S. Junior, J. P. de Pombal, E. F. Junior, J. Ferreira, J. D. Simão, A. C. Pereira, J. Mendes, 281. De Anadia—Lista n.º 84. Um Libertario, um amigo do proletariado, um anonimo, um amigo do jornal, um amante da liberdade, um amigo do jornal, 3 Ferro Viarios Libertarios, 2814.—Soma . . . 8882 Transporte. . . 38855

Soma total. . . 47877

## Coisas historicas

- 1810— Por solidariedade com os mineiros de Huelva (Espanha) declarou-se a greve geral.
- 1816— Em Modena (Italia) realizou-se a primeira sessão dum congresso sindicalista.
- 1859— O grande astrónomo Fabriceo descobre as manchas do sol.
- 1911— O governo expulsa de Lisboa duas curandeiras chinesas; este decreto dá origem a vários tumultos, do que resultam mortos e feridos.
- 1884— Sai em Bruxelas (Belgica) o primeiro número de *A Sociedade Nova*, semanário anarquista.
- 1871— São fusilados Rosael, Ferri e Burgeois, membros da Comuna de Paris.
- 1848— Filipe de Valois, rei de França, manda cortar a cabeça a 15 barões, por suspirar, infundadamente, que eles se haviam vendido aos ingleses...